



Gaiato



Quinzenário • 2 de Novembro de 1991 • Ano XLVIII — N.º 1243 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

MOÇAMBIQUE

A nossa vida vai tendo os seus encantos

A nossa vida, tecida pela preocupação de papela das em ordem à organização de projectos a apresentar, vai tendo os seus encantos. Primeiro, os rapazes que já aparecem a procurar-nos. O Fernando veio à frente de todos e, com todos os desencontros, ainda não o vimos. No mesmo dia apareceu o Victor que nos tem rodeado de atenções. Casualmente, o «Nabo» que está no primeiro ano da Universidade. Já apareceram outros que ainda não vimos e não puderam aqui chegar porque o caminho é longo e os característicos «chapa cem» andam sempre superlotados. Do Victor que deixámos pequenino, sabemos que estuda, aqui, na Namaacha, mas nem nos atrevemos a ir lá nem ele a chegar aqui.

Depois, uma visita do Padre Fatela com as Irmãs Hospitaleiras. Foi um domingo de festa! Confraternizámos no Altar, aqui em casa, e depois no almoço que trouxeram. Viram tudo. Padre Fatela filmou. Deixaram a despensa cheia. A quantas bocas já chegou um pouco de comer? Contas de Deus.

Foi a visita do Ministro dos Negócios Estrangeiros com o Secretário de Acção Social e coronel Manguera. Estamos dependentes da chegada dos estatutos para que fique formalizado o nosso trabalho a bem da criança da rua. Um lapso imperdoável não os termos trazido! Em conformidade ficou a certeza do apoio.

Outra visita importante: O Engenheiro Braz de Oliveira veio proposadamente de Lisboa até nós aplainar o caminho deste recomeçar. Abriu portas, apresentou-nos a amigos, deixou-nos entregues.

Um nascer de esperança

TEM sido um nascer de esperança ver dia-a-dia os caboucos da Creche-Escola a erguer-se no meio da povoação da Massaca 1. Para já, o director da Barragem mandou 30 toneladas de pedra, igual de brita e promete mais.

São os cristãos que vêm até nós, também, com fome de alimentar a sua fé. Dois grupos. Um, aqui perto, dos empregados da Lomaco, na antiga Herdade de Freixo. Outro, na povoação. A pouco e pouco vão aparecendo. Ali, é na escola. Que pena não termos uma fotografia! O chão é brita, o quadro é verde, o tecto quase todo azul do céu! As paredes feitas de palha deixam ver tudo à volta. Uma mulher-mãe e um professor servem 472 crianças, sem salários. Ali perto, junto a uma árvore, mais quase 100 pequeninos fazem a chamada escolinha. Vão aprendendo o Português conduzidos por dois jovens que andam também a estudar. É só de manhã. Mas é enternecedor: três horas sentados no chão, quietinhos, alguns nos joelhos dos irmãos mais velhos e sem saber falar. Vão ouvindo a nossa Língua. Pai Américo diria: «Eu tenho para mim que isto é maravilhoso»: a Língua Portuguesa concebeu uma Pátria; um parto difícil. Mas a voz da mãe tem tanta força que mantém os irmãos unidos. Sabemos que nem todos, mas pedimos a Deus que depressa se aplainem os caminhos; cessem dissenções e contendas e a Paz de Deus, pela mão da Igreja, reine no meio do Povo Moçambicano.

Padre José Maria

Pai Américo

Homem dum só Livro

Neste fim-de-semana quatro vezes proclamei: «Quem, entre vós, quiser tornar-se grande tem de ser vosso servo, e quem quiser entre vós ser o primeiro tem de ser escravo de todos». São palavras do Evangelho do dia.

Esta linguagem não vem nos livros vulgares. A maneira de pensar do mundo é diferente: Importa ter mais para ser o primeiro.

Por ocasião da data do nascimento de Pai Américo, ocorrida em 23 de Outubro, lembro uma afirmação dele a acautelar as pessoas para o Homem dum só Livro — o Evangelho, porque a sua ousadia confunde os sábios e abre o caminho para a solução dos grandes problemas que afligem o mundo dos homens. Estar na terra como quem serve é princípio da sabedoria que não passa nem com o tempo nem com os lugares. Quem assim vive, anda seguro porque está no seu posto.

No sábado passado, veio um médico lá de cima, das terras frias, acompanhado do filho deficiente-motor e da esposa com um mal ainda maior. Socialmente bem colocado e de cultura superior, fez-se pequenino, anónimo, com o único desejo de servir os seus e, neles, os demais a quem possa ser útil. Estava seguro e com uma só preocupação, a de evitar que as pessoas sofram por causa das suas acções e omissões. Isto é possível fazendo o bem. Na sua conversa tocou num ponto importante: as nossas omissões são causa de muitos males e, por isso, matéria do

juízo final. Não dava conta sequer de que estava a ajudar-me.

O caminho do serviço, donde emerge a grandeza do discípulo do Mestre, foi percorrido por Pai Américo. Quando, em 23 de Outubro de 1887, viu a luz do dia, quem havia de dizer que este filho estava posto como sinal de reconciliação no seio da sociedade que o viu nascer e dos que o acompanharam ao longo dos anos? E depois de ter passado por este mundo? Os homens dizem que ele é um ponto de referência necessário na história deste tempo. Só porque serviu; e a partir do momento (é impossível definir a hora matemática) em que os seus gestos falaram claro como a luz do dia. É que na vida das pessoas permanece sempre oculto o mistério do momento mais fecundo ou menos fecundo. Só um é que sabe — Deus.

Ao escrever esta nota de aniversário, sinto-me a tremer com receio de não saber o que digo. Pai Américo é grande. Só os grandes têm categoria para falar dos grandes. E nós somos pequeninos demais. Sim, cheios de muitas misérias! Deus sabe!

A história duma vocação, como a vocação de Pai Américo, é sempre a história dum segredo de Amor. Pai Américo nunca foi capaz de escrever a sua. Temos pena! Mais um sinal de grandeza?! Sim. A história do grão de trigo revela-se em toda a sua beleza depois de cair no sulco, germinar e produzir a espiga. É o fruto que faz a história verdadeira.

Padre Manuel António



Hoje vamos olhar um pouco para dentro da nossa Casa. Bastantes cartas me perguntam por isto e por aquilo. São pessoas da família que querem saber como vai a sua Casa.

Os caminhos da vida e as riquezas do saber

O ano lectivo começou cheio de esperança. Muita gente a estudar, uns de dia, outros à noite. Vejamos os números: Um na Universidade, dois em curso de cozinha, um em curso de marcenaria; três frequentam o 10º ano, quatro o 9º ano diurno e um o 9º ano nocturno; no 8º ano andam dois no nocturno e o 7º ano é frequentado por nove de dia e seis à noite; oito vão para o 2º ano do Ciclo Preparatório e sete estão no primeiro. Fazendo as contas andam a estudar quarenta e quatro rapazes.

Fico com a alma cheia de alegria quando os vejo sair com a saca às costas, para as aulas. Vão aprender os caminhos da vida, as riquezas do saber

ENCONTROS

EM LISBOA

Escola Primária

e espero, também, que aprendam a ser mais homens, felizes, com esperança e coragem para enfrentarem as batalhas da vida. Gosto de os ver chegar. A maior parte das vezes contentes, a contar o que se passou. Noutras, chegam tristes: professores que não compareceram, assuntos que não perceberam, livros que faltam... Os que se encontram no 7º e 10º anos estão a sentir grandes problemas com a falta de livros dado que iniciaram com os novos programas e os apoios não chegam.

Para a vida da Casa vai ser um ano difícil. Todos nos temos de organizar um pouco melhor e também dar-mo-nos com mais generosidade às diferentes tarefas. O tempo para as realizar vai ser menor.

A Escola Primária começou bem. O edifício foi totalmente remodelado durante as férias. Um trabalho a contra-relógio! Durante dois meses era necessário rebocar e pintar paredes, colocar azulejos, remexer o soalho, refazer toda a iluminação, retocar e pintar as janelas. Com esforço tudo se conseguiu. Houve apenas o atraso de uma semana. Foram obras bastante caras e que custaram muito trabalho, sobretudo aos mais velhos.

Gosto de ver agora os mais pequenos a falar da Escola. Advertem-se uns aos outros para manter a sua sala limpa e bonita. São cerca de setenta alunos. Aí as dificuldades maiores na aprendizagem. É o tempo de iniciar nova vida, de recuperar o tempo perdido, de estabilizar as emoções e depois

Continua na página 2

Conferência de Paço de Sousa

• Foi uma família destroçada. Não especificamos os porquês. Respeitamos a privacidade dos Pobres.

Hoje, a mãe perora ajuda para um filho (são três) que frequenta o Ensino Secundário, mas reprovou o ano passado, com certeza traumatizado pelo ambiente no lar.

— Ele tem de se aplicar, mas veja o material q' é preciso...! Contos de réis.

Aliás, famílias que vivem dum magro salário — quanto mais magro pior, não referindo a pobreza absoluta... — sabem quanto custa a formação escolar dos filhos.

— Tem o subsídio da Escola, que requeremos...

— Isso demora muito tempo! E a gente temos que comprar já o q' é preciso — adianta a mulher.

De facto, há um apoio tardio do sector oficial só no que diz respeito a material didáctico. Assim, como poderá um aluno pobre singrar, desde o início e pelo ano fora, sem os instrumentos necessários à aprendizagem?! Não falando da inferioridade que, talvez, sintam junto dos companheiros mais abonados — a maioria.

Ainda perguntámos à mãe se, lá na Escola, não abonariam subsídios em espécie: livros, etc. Que não. — Eles dão o subsídio muito tarde! — repete.

Remédio: Para acudir ao moço, abrimos uma linha de crédito na livraria.

Se, em vários aspectos, o Ensino não funciona proveitosamente, o caso vertente é outra anomalia que merece reflexão e medidas que favoreçam os estudantes pobres.

PARTILHA — Dez mil escudos, de Mem Martins, assinante 11531: «Ao fazer um ano que o meu querido marido partiu, envio esta oferta em sua memória para acudir a uma viúva idosa, doente ou com filhos, de preferência. Não há melhor maneira de o recordar!»

Temos, agora, a presença de «Velha amiga de Figueira» que juntou, «com muito amor», o que pôde — para os nossos Pobres. E que dizer da oferta de «dois professores do ensino secundário» motivados pela nota publicada em 27 de Novembro?! Os grandes mestres, que se dedicam ou dedicaram ao Ensino, são pedras angulares na formação de gerações de estudantes. Conhecemos alguns que nos marcaram para toda a vida!

«Avó de Sintra» com a oportunidade de sempre! Deus a ajude no seu calvário. Mais uma remessa, utilíssima, da Rua dos Bombeiros Portugueses — Faro. Dez mil, da assinante 34220, «pequena ajuda para os mais necessitados». O costume, com muita amizade e prontidão, do assinante 11902, do Fundão. Metade, da assinante 14493, do Porto, «miguinha do mês de Outubro para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa».

Pelas CASAS DO GAIATO

Assinante 9708, de Coimbra — berço da Obra da Rua — com «pequena ajuda» (2.000\$00) «para a conta da farmácia da Conferência, por alma de meus pais». E mais cinco, de Isabel, do Porto, «com um muito obrigado ao nosso querido Pai Américo pelas graças que tenho obtido».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

VINDIMA — Acabou a vindima! Colhemos, primeiro, a uva branca. Depois, a do vinho tinto. Por fim, a uva americana. Tivemos uma colheita razoável. Agora... só para o ano há mais.

AULA DE INGLÊS — Uma professora dos arredores do Porto vem, generosamente, dar aulas de inglês aos rapazes da Telescola. Das 9 horas às 10 horas, aos do 2.º ano; aos do 1.º ano, das 10 horas às 11 horas. Que bom! Agora, já têm iniciação à língua inglesa, além da francesa que frequentam, a Telescola.

DESPORTO — No dia 12, a nossa formação mais nova, de juvenis (reservas), defrontou uma de Valadares, tendo esta vencido o jogo por 4-2.

Na final do Torneio das Vindimas, realizada no campo de Futebol Clube de Paço de Sousa, defrontámos o Grupo Desportivo do Cavadas que se considerou o principal pretendente ao lugar mais alto do Torneio, por vencer a formação do G.D. da Casa do Gaiato por 6-2 no jogo anterior. Sofreu uma grande derrota numa tarde de sábado, chuvosa. A nossa equipa começou logo a desenhar a

vitória, ao intervalo; o marcador já apontava 5-0. Na segunda parte, os golos não pararam de entrar na baliza do adversário. No final do encontro, digamos, do massacre, o resultado subiu a 14-0!

Merecemos, justamente, ganhar. O resultado justifica suficientemente a vitória, esplêndida, que apagou o jogo mal disputado anteriormente.

O treinador está de parabéns. A nossa formação consagrou-se campeã de futebol no Torneio das Vindimas de 1991, organizado pelos Bombeiros Voluntários de Paço de Sousa, cujo novo Quartel arrancará nos próximos dois meses, obra de grande interesse para a Corporação e para as populações que serve, nesta região.

PEDIDOS — A sala-de-estar dos mais velhos (o bar) precisa dum televisor a cores. Quem tiver por lá um, desocupado, faça favor de no-lo oferecer. Muito obrigado!

Paulo Alexandre («Rambo»)

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Há dias, recebemos uma carta com a fotocópia dum artigo publicado num jornal, do Porto, por causa de uma família que vivia num barraco e tinha por tecto um oleado já velho.

A nossa amiguinha, de Guimarães e assinante do «Famoso», comoveu-se com o artigo e pediu para que fôssemos, por lá, ver o que poderíamos fazer. Pedimos a ajuda de um casal que, por sinal, também é vicentino dessa terra e lá fomos procurar a dita barraca.

Depois de muito procurarmos e passarmos por muitas barracas que supomos serem da praia, o sítio é à beira-mar, não conse-

guimos encontrar a que vinha descrita no jornal.

Perguntámos numa mercearia do local que nos pareceu ser o da existência do barraco. Que sim, que era ali, que o patrão lhes tinha cedido um, das obras, e foi lá na camioneta, carregou a tralha toda e foram, não se sabe para onde.

O merceiro, segundo o jornal, era quem os ia socorrendo, principalmente as crianças. Também se queixou de uma dividazinha, mas esperava mais tarde se lembrassem dele.

Quando, há dias, vimos na TV os milhões distribuídos aos partidos; quando lembramos milhões que as associações sindicais cobram aos trabalhadores, sem que esses mesmos trabalhadores beneficiem seja o que for, pergunta-se: — Será que esses milhões todos são gastos nessas romarias de propagandas eleitorais? Será que os trabalhadores que fazem religiosamente os seus descontos para os tais sindicatos não são dignos de morar numa casa decente?

Pai Américo escreveu num dos seus livros: «Se as caixas sindicais que tão zelosas se mostram na cobrança dos tantos por cento abrissem parêntesis para acudir a tantos casos como este, que brecha abririam também na reserva geral com que são olhadas». Isto, acerca de um trabalhador que, depois de reformado, se sentia desamparado por todos. Aplica-se, hoje, também, a milhares de casos que há por esse País fora.

Quem passa pela Ponte de D. Luís pode apreciar a quantidade de barracas de lata por aquelas colinas abaixo e todos os dias aumenta.

Que bom seria esses partidos, esses sindicatos, desviassem parte das verbas que arrecadam dos trabalhadores para a construção de casas decentes, para os que delas necessitam... Então, sim, como diz Pai Américo, deixariam de ser olhados com reservas.

Nós, daqui, apelamos para que essas organizações façam qualquer coisa de útil ao País, em prol dos trabalhadores que, afinal, são eles quem paga. Organizem comissões, visitem esses lugares, que tão bem conhecem, pois quando cheira a votos sabem os seus caminhos. Apliquem as suas quotas em qualquer coisa útil, que não sejam as bandeirinhas, os chapéus, os balões, os aventais, os sacos e todo o resto que só serve para sujar o nosso País.

Nós, por cá, vamos fazendo o que podemos com o pouco que nos chega às mãos, dos amigos que conosco vão partilhando: De Rio Tinto, Maria Beatriz enviou 20.000\$00. Pelas mãos

de uma amiga da assinante n.º 32436, de Lisboa, 1.000\$00. Prometemos não vos esquecer, em nossas orações. De uma anónima, que se intitula «Velha Amiga», chegam 10.000\$00. Mil e seiscentos de J.R.D. Da assinante n.º 4795 recebemos 1.000\$00. Maria do Carmo, da Lourinhã, 1.000\$00. Por vale do correio, um anónimo envia 45 contos. Outro vale, de Maria Etelvina, com 5.000\$00. Mais um, de Alina Marques: 8.660\$00. Sacavém, carta de Vitorina com um cheque de 5.000\$00.

Para todos o nosso muito obrigado e Pai Américo, lá do Céu, vos abençoe e interceda por vós junto do Pai do Céu.

Casal Vicentino

ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE

«O GAIATO» — SETÚBAL

ASSEMBLEIA GERAL

— Para tratar de assuntos de muito interesse para a nossa Associação, a Assembleia Geral reúne no próximo dia 17 de Novembro, às 11 h., no Lar do Gaiato, em Setúbal, conforme determina o art.º 12.º dos Estatutos, sempre que as circunstâncias o imponham, como no caso presente, em que terão de se eleger os Corpos Gerentes desta Associação.

É de toda a conveniência a presença dos sócios em grande número, a fim de se dar maior dinâmica aos propósitos a que a nossa Associação se impôs.

PROGRAMA — 10 h., concentração; 11 h., reunião da Associação; 12 h., celebração da Eucaristia; 13 h., almoço.

Américo Correia

MIRANDA DO CORVO

ELEIÇÕES — Realizámos eleições para o chefe-maioral e sub-chefe.

A nossa Casa, nos últimos tempos, tem-se debatido com o problema de chefes, já que os mais velhos organizam a sua vida e partem.

Durante o Verão ainda existem alguns que suprem o chefe para ele poder descansar. Mas com o começo das aulas,

tem que retomar o seu posto. Quem tem exercido a função é o José Cupido, mas está sobrecarregado e resolvemos proceder a eleições.

Reunimo-nos no bar. Os candidatos foram dados a conhecer. Depois, a parte mais importante: a votação. Houve duas voltas. Na final, foi eleito o Isidro. Vai fazer-lhe bem! Sub-chefe, o José Cupido, tendo como ajudante o Zé Miguel, terceiro chefe.

Esperamos que o Isidro dê uma nova dinâmica à Casa, pois todos nós o vamos ajudar, porque é muito importante sentir-se apoiado.

É um cargo difícil, mas não deixamos de felicitar o Isidro pela sua vitória, sinal de que possui qualidades, e será um bom guia. Parabéns!

CATEQUESE — Organizámos os grupos de catequese para o novo ano catequético, com mais ordem. No sábado, à tarde, pára tudo em nossa Casa, para que todos possam estar presentes. Este ano, teremos a D. Olga, a professora Maria Helena, a D. Maria de Lurdes e eu ajudarei os mais pequeninos. A nossa visão da Igreja é que haja catequese para todos, desde os seis anos até muito adultos. Quem disse que a Catequese é apenas para gente miúda?

António Maria

ENCONTROS EM LISBOA

Continuação da página 1

aprender um rumo que a rua lhes negava. Tempo de paciência para eles e para os professores. Quanto aprecio a acção dos docentes, o carinho que dedicam aos miúdos, a exigência, o rigor no trabalho, a preocupação em encontrar os métodos mais adequados!

No meu coração o desejo de que seja um ano positivo, cheio de luta, coragem, alegria...

Formação Profissional

Nas nossas Casas existe sempre um grande grupo de rapazes que, por razões diversas, não vão longe nos estudos e para quem é necessário encontrar as melhores soluções a fim de serem homens na nossa sociedade, sentindo a sua dignidade e sentindo-se homens úteis no meio dos outros homens. Para eles um carinho especial porque são os que sentem mais dificuldades quer no equilíbrio da personalidade, quer nas formas de sociabilidade, quer sobretudo na decisão sobre o seu futuro. Estes são os que andam mais no nosso coração.

RETALHOS DE VIDA

«FILMES»



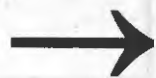
Eu chamo-me João Manuel da Silva. Sou conhecido por «Filmes». Tenho 12 anos e ando na quarta-classe.

Vivia em Três-os-Montes e era muito mal tratado. Às vezes, na rua andava com fome!

Sofro duma doença muito grave. Chama-se bronquite. De vez em quando tenho falta de ar.

Um dia, já mais crescido, gostava de ser polícia de trânsito.

João Manuel da Silva («Filmes»)



Tribuna de Coimbra

Muitos processos e poucas soluções

O telefone chamou-me para atender uma assistente social do Tribunal de Menores. Era a situação de um adolescente de 16 anos, que já esteve alguns dias em nossa Casa, e agora voltou para a rua onde viveu sempre. De família só conheceu a avó, mas insiste que não pode ter o neto consigo.

Poeta distraído

Não se riam de mim
Porque não sou palhaço
Nem trabalho num circo.
E livremente faço
O que o meu coração manda.

Não me atribuem culpabilidades
Nas vossas irresponsabilidades,
Pois sou poeta distraído.
Amo a minha imaginação
E vivo na minha real-ficção!
Mas, se quereis descansar
A vossa consciência
E jamais em cobiças pensar,
Então, cantando, voai comigo
Por todo o sublime infinito
E aprendereis inteligência!

Esperem por mim
Porque sou poeta distraído
E sem vós seguirei outro caminho
E perder-me-ei por não ter destino.
Dizeis que não sou erudito?
Acreditai: todos juntos
Podemos inventar um rumo
Que nos levará ao nosso Paraíso!

Manuel Amândio

Assim, para eles, temos que criar no interior da nossa Casa oficinas onde possam dar passos para a vida. As nossas não são um luxo. Por muito caras que fiquem, são essenciais para a vida de todos eles.

Já tenho em cima da minha secretária uma proposta, válida até ao fim do mês, para apetrechar a nossa tipografia de fotocomposição. É um valor muito alto. Ultrapassa os 15 mil contos. Olhando para o dinheiro e para os rapazes, optei pelos rapazes. O dinheiro, se Deus quiser, há-de aparecer. Os rapazes encontrarão aqui, com estas novas tecnologias, caminhos de futuro e todos os esforços serão compensados se, assim, virmos um, dois ou mais gaiatos abrirem as suas vidas ao sonho de um futuro de dignidade.

Aqui ficam algumas notícias. Por detrás, as dores, alegrias e esperanças com que se tece a nossa vida.

Padre Manuel Cristóvão

Esta avó tem razão, pois o neto tem a grande escola da rua: não aceita trabalhar, nem servir em nada. Conhece bem os caminhos do abuso da sexualidade. Tem já experiência da droga. Tem, ainda, bastante atraso mental. Os poucos dias que esteve connosco deixou sinais bem negativos.

A assistente social, não topando caminho normal para este caso, procurou-nos para lhe abriremos, de novo, as nossas portas. Explicámos que as Casas do Gaiato não podem ser casas de correcção. Padre Américo viu que esse não é o nosso caminho. A Obra da Rua tem de lutar por ser Obra de família para crianças normais que procuram família.

Há situações que exigem estabelecimentos próprios. Não podemos misturar tudo. Cada pessoa tem direito ao seu lugar. O Estado está a alhear-se deste seu grande dever. Anda uma legião de adolescentes e jovens atirados por essas ruas, no roubo e por caminhos semelhantes. Dói-nos o coração e a alma saber que alguns que criámos com tanto amor também andam por esses caminhos. Continuamos a ver muitos processos escritos e poucas soluções alcançadas.

Temos muita pena desta situação.

Uma Juiz

Hoje fui chamado ao Tribunal da Comarca. A Juiz quis informações de um menor de 12 anos que está connosco há dois anos. Um menor com muitos problemas. Filho de pais separados e ele sempre se sentiu abandonado. Com muita tendência para a fuga e para o roubo. Foi um Tribunal de cidade de longe, onde este menor e outros roubaram, que alertou o desta Comarca.

Disse à Juiz alguma coisa que sabia da história do menor. Disse um pouco das muitas partidas que tem feito. Disse da nossa esperança de o ajudarmos a ser um homem com as boas qualidades dos

pais e também com os seus defeitos.

A Juiz, que já há muito nos conhece pela leitura d'O GAIATO, acolheu bem as nossas informações e o nosso

testemunho. À despedida ofereceu-nos o seu bom acolhimento. Despedimo-nos com confiança.

Padre Horácio

PARTILHANDO

Mais urgente que a recuperação de edifícios

é a recuperação do Homem

Máquina bem potente escavou terra e cortou raízes à molemba. Ela, definhada, vai murchando. Assim pessoa africana revolteada pela guerra. Suas raízes foram cortadas... Raízes da família, da sua sanzala, das suas lavras e da missão cristã onde bebia força moral. Vidas sem peias, sem laços de amor e sem estímulos de vida. Naufragos no meio de naufragos que lutam pela sobrevivência, atropelando outros e, até mesmo, os seus próprios sentimentos.

Por exemplo, aquela mãe com um bebé esquelético nos braços...: apresentaram-lhe um copo de leite para o bebé... Ela bebeu-o dum trago! Segundo copo, idem! Somente ao terceiro acordaram os seus sentimentos maternos. A longa caminhada fugindo, uma terra estranha e a fome profunda amachucaram o seu sentimento de mãe!

Muito mais urgente e difícil que a recuperação de edifícios, estradas e condutas é, sem dúvida, a recuperação do Homem.

Tem-se a impressão nítida de começar do zero.

Num bairro duma cidade foi apanhado um ladrão. O povo pôs um pneu na sua cintura, regou-o com gasolina e pegou fogo.

A grande mulemba de raízes troncadas não absorve a seiva nem aceita o sol. Um tempo para novas raízes...

É duro e angustiante este começo!

A propósito, mais este facto verdadeiro: Quatro meninos foram dar à Missão católica. Dois viram os pais mortos e fugiram pelas matas; um, com oito irmãos, vendo que a mãe não tinha comida, fugiu; o quarto escapou ao pai que está dominado pela bebida e é violento.

Na primeira noite foram apedrejados por outros meninos, talvez, em resposta aos seus gestos violentos e agressivos.

O superior da Missão acolheu-os. Já se portam com naturalidade. Perderam o ar de lobinhos agressivos e desconfiados. Raízes novas se estão prendendo ao chão.

Tão urgente, pois, a renovação do Homem!

Não há maior projecto.

Padre Telmo

DOCTRINA



Ecos da Casa do Gaiato...

• Continua a corrida ao subscritor semestral para a manutenção da Casa do Gaiato, com vento próspero e horas felizes. Tem havido senhores que espontaneamente me vêm pedir lugar na lista; outros que não discutem e deixam à minha conta o xis semestral; outros, finalmente, que gemem o «vá com Deus, que eu já dou para muita coisa». A Beleza é sempre bem feita da variedade. A gente aceita tudo de ânimo forte por amor de Deus e ao descer os escadórios do não, faz deste um *sim* amassado em lágrimas interiores; e prossegue silenciosamente em marcha de vitória, na certeza absoluta de que à porta que se fecha corresponde um portão que se abre. O que importa é cuidar seriamente do Bem que se procura fazer e levar no próprio coração, como se fossem nossas, as penas que desejamos aliviar; o resto não é da nossa conta. Tenho tido, outrossim, a cooperação prestante de duas senhoras e de um cavalheiro, amigos da causa e da Casa do Gaiato, que colhem a par de mim e alegremente quantias animadoras para o nosso preventório — vento próspero, horas felizes.

• Não assim no que toca ao recrutamento do gaiato; aqueles que eu tenho apresentado para serem os primeiros, têm sido rejeitados pelo exame médico. O «Zé Mau», esse adorável garoto que tu conheces das Colónias de Campo, que mora no Beco e vive na Toca, ficou mal no exame e eu pior. Outros têm sido chamados e tiram a bola negra! Já me deu na gana dar de mão ao saber dos Doutores, apelar para a boroa e para o sol, instalar o gaiato fraco em casa dele e confiar no Bom Deus que tudo governa, suavemente. Mas é mais heróico sofrer.

• Tenho neste lugar berrado ao lobo vezes sem conta, mas o mundo não tem feito caso e agora os cordeirinhos são dizimados ou gafados para a vida! Nunca ninguém me acompanhou na romagem ao Pobre, nem trouxe consigo homem de responsabilidade política para também ser romeiro e assistir mais eu ao quadro vivo da família do Beco, da Viela, do Pátio, da Loja, da Trapeira, de toda a Baixa pobre. Ninguém! E porque eu, sozinho, sou ninguém, não se faz caso do «acode que anda lobo no povoado» — cordeirinhos gafados para a vida, em vez de filhos valentes de uma pátria grande e forte. Membros tenrinhos e débeis do nosso corpo, carne da nossa carne, irmãos dos que sentas à tua mesa, fora da lei e do amor! Tantas vezes tenho aqui gritado, mas como é muito mais fácil e muito mais cómodo tomar o grito por brincadeira do que acudir a ele, tu continuas bailando e rindo, ocupado como andas na banalidade, nas devoções, no não te rales, enquanto a Criança definha e troca a graça pela tristeza; como se o pecado de omissão não tivesse a mesma gravidade que tem o pecado de comissão!

D. Amândio!

(Do livro Pão dos Pobres — 2.º vol.)

Tarefa importante

Uma das tarefas mais importantes que Pai Américo deixou — qual legado do seu espírito de missão — é a de se manter O GAIATO vivo, operante, junto das almas e corações dos homens de boa vontade; mau grado as limitações (quantas vezes repetidas!) de quem foi ou é obrigado a escrevê-lo e pô-lo na rua — como Obra da Rua.

Que dizer dos primeiros tempos, Pai Américo tão só..., desdobrado por Miranda do Corvo, Lar do Porto, construção da nossa Aldeia em Paço de Sousa (verdadeira epopeia!); pelas visitas aos Pobres e famílias de crianças

Novos Assinantes

da rua que lhe davam tantos motes; pelas *sacudidelas* nos púlpitos, cinemas, estações de rádio, praias, casinos, doutrinando acerca do sofrimento imerecido dos Pobres e recolhendo migalhas?! Poucas horas restavam para escrever... Mas escrevia! Nem que fosse no rápido, no foguete, nos mochos dos ministérios do Terreiro do Paço..., aguardando entrevistas, marcadas ou não, de suas excelências.

Esta memória, em mais um aniversário do nascimento de Pai Américo (23/10/1887), vem muito a propósito da

campanha de novos assinantes — que não pára! — e serve, inclusivé, para reactivar lugares vagos de Amigos que o Senhor leva e, também, para aumentar a enorme Família de Leitores.

Presença activa de tantos Amigos!

Horas deliciosas que a gente passa saboreando a presença activa de tantos Amigos! Alguns deles com listas peçadas de nomes; como a de Rosário, da Beira, que cita S.

Lucas: «Feliz aquela que acreditou, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido». Até aquela outra, de Angeja, verdadeiro *tufão* por onde peregrina; e manda carradas de novos leitores! «Na Obra da Rua não há portas fechadas para ninguém — afirma — e eu estarei sempre convosco».

Não deixa de ser curioso referir não só a alegria esufiante de muitos corações ardentes, que chegam até nós com novos leitores, mas sobretudo a preocupação nítida de transmitirem um perfeito

conhecimento da Obra da Rua: «Esta senhora ainda não conhece a Casa do Gaiato, mas tenciona visitá-la qualquer dia. Eu ainda há pouco aí estive com a minha mulher e volta e meia aí estou, no anonimato...» — afirma o assinante 20582, de Vila Nova de Gaia.

Vale a pena, para terminar, revelar a vivência dum artesão do Vale de Sousa, homem verdadeiramente eclético! Testemunha-nos muito do que tem colhido — ao longo do tempo — no pequeno mensageiro, enquanto calcula uma obra que ocupará horas de trabalho na sua pequena empresa: «Pego nele e levo-o pro quarto. Só adormeço depois de o ler todinho!»

Júlio Mendes

Comissões de Protecção de Menores

Consciência Social

A ideia de partilhar responsabilidades, nesta como em todas as áreas sociais, é certa, não apenas no aspecto pragmático — como nos ensina a parábola dos vimes que, um a um, se quebram facilmente enquanto em feixe não — mas também no aspecto pedagógico, pois um distribuir de funções ajudará a realizar o órgão: a consciência social que deveria actuar em cada cidadão e em muitos se encontra adormecida. Quantos problemas sociais que afloram aqui e ali seriam fáceis de resolver se encontrassem resposta pronta da comunidade onde acontecem, porque comunidade consciente e sempre alerta para assumir os problemas que surgem no seu seio. Porque esta consciência, tantas vezes, está adormecida (quase se pode dizer que não existe) os problemas são adiados, avolumam-se... e acabam por ser endossados a instâncias obstruídas pela quantidade e gravidade de problemas semelhantes que a elas afluem.

É assim com os problemas da pobreza — «cada freguesia cuide dos seus Pobres». É assim com os problemas da infância e juventude em risco que, detectados e prontamente tratados ali onde se dão, mais fácil e

eficazmente seriam resolvidos do que acontece nas tais instâncias sempre congestionadas, sejam Judiciárias ou da Segurança Social.

Ideia saudável

Trata-se pois de uma ideia saudável, pela qual vale a pena batermo-nos, aceitando com humildade os defeitos do primeiro esboço, na procura incessante de uma forma mais perfeita, que até talvez não chegue nunca a ser traçado único e definitivo. Que o sentir da «exigência de responsabilização de cada comunidade local pelas suas crianças e jovens» se contagie depressa de quem já a sente para as comunidades que ainda não.

Estas Comissões de Protecção de Menores podem ajudar. Mas, para isso, têm de ser dinâmicas e lineares no seu funcionamento. E aquela característica que, curiosamente, o legislador põe a respeito do representante do Município — «escolhido entre pessoas com sensibilidade, conhecimentos e gosto pela problemática da criança, do jovem e da família» — deverá ser requisito comum a todos os elementos que compõem estas Comissões, desde o agente do Ministé-

rio Público até ao representante das forças de segurança. Senão temos mais burocracia a emperrar.

Observações fundadas na experiência

De resto, nos parece que a composição destas Comissões é demasiado vasta para funcionar com o desembaraço e a flexibilidade que lhes são indispensáveis. No aspecto de formação e sensibilização de todas as entidades que as constituem, óptimo que se reúnem periodicamente! Mas nelas há a destacar um executivo que funcione mesmo; e um grupo de consulta e cooperação que seja chamado às decisões sempre e só quando necessário. Assim, claramente, o médico, o psicólogo, os representantes das forças policiais, bem como, o representante do Instituto da Juventude e das próprias Associações de Pais, posto nestes seja de prever a tal sensibilidade que o legislador expressamente requisita para o representante do município. Aliás o art. 14.º do Decreto-Lei 189/91 fala de «outros membros», em que talvez estes coubessem mais adequadamente. Nem nos parece inteiramente fora da mente do legisla-

dor esta possibilidade de exclusão, uma vez que para a validade das decisões basta «a presença do presidente e de mais três membros, tendo o presidente voto de qualidade» (Art. 20-n.º 3).

Embora apriorísticas estas observações — aliás fundadas na experiência que nos assiste do combate de muitos anos no terreno — elas integram-se já no espírito que inspirou a criação das Comissões de Protecção de Menores, pois «se prevê a avaliação periódica do funcionamento do sistema de protecção não judiciária por forma a aprofundar a reflexão sobre a sua eficácia e a facilitar as alterações que a realidade aconselhar».

Guardamos ainda outra observação que temos por demasiado importante para tratar no espaço que este artigo não deve ultrapassar. Mas desde já nos congratulamos com a disponibilidade do legislador para aceitar e promover as alterações que se impuserem a partir da realidade, das nossas realidades, e por amor da eficácia na consecução do objectivo: a protecção dos menores que dela carecem — tantos, infelizmente, tanto nas sociedades subdesenvolvidas, como nas ditas super-civilizadas.

Padre Carlos

SETÚBAL

A casa para a família é como a água para a vida

O preço das habitações, nesta cidade, em repentino crescimento, aumenta de semana a semana.

A que, há dois anos, custava seis mil, agora não se compra por menos de dez mil.

As magras economias dos rapazes não vencem o crescimento galopante do custo de uma futura casa.

Assusta-me e surpreendemo-nos, pois não vislumbramos como vencer esta terrível dificuldade de conseguirmos para cada um o abrigo fundamental da família a organizar.

Nem sei mesmo se o próximo Governo terá coragem de se debruçar seriamente sobre uma política de habitação para os operários com ordenados baixos, dado que os anteriores se preocuparam mais com o progresso em equipamentos.

Se a família está em crise, se é o fundamento imprescindível da sociedade, deve começar por ela toda a política social.

A casa para a família é como a água para a vida. Sem água não há vida. Sem casa, nos tempos de hoje, não há famílias.

Os Pobres estão cada vez mais pobres

Se é conhecido que os bairros degradados e os ditos sociais são grandes centros de droga e prostituição, se estas

chagas minam o homem por dentro e o destroem, é evidente que uma política só é eficaz se atacar o mal nas suas raízes. O grande germen destes males situa-se quase sempre na ausência de casa condigna. Deve, por isso, começar pela habitação uma boa política e o Governo cometerá um gravíssimo erro, e um terrível pecado, se não se aplicar a fundo, com todas as energias, em facilitar, de toda a maneira, a aquisição de casa própria a todas as famílias portuguesas. Que os pobres estão cada vez mais pobres, é evidente; como também é palpável que os ricos prosperam nas suas empresas e capitais.

É abrir os olhos e observar as magníficas vivendas erectas e em construção: coberturas de requinte, com telhas vidradas; amplos jardins e esplêndidas piscinas; largos espaços com decorações a rigor. Uma verdadeira afronta à realidade social da habitação em nosso País.

Planear uma urbanização para moradias de luxo é fácil e a legislação remove as dificuldades surgidas, normalmente, quando se projectam construções simples.

Os ricos arranjam sempre capital para a compra da quintinha e avantajado casarão.

Os pobres nem para o terreno nem para a modesta casa.

A lei para uns é mãe, para outros nem madrasta.

Depois há a situação de influências cuja diferença é do tudo para o nada.

Será que o próximo Governo abrirá os olhos a estas realidades ou continuará a adiar situações com panaceias que nada curam?

Por nós iremos fazendo o possível e tentaremos mesmo o impossível batendo às portas de cada um, derrubando o poderoso deus — o dinheiro — dominador das consciências, em nome de Jesus presente em cada homem.

Ajudas pequenas e grandes

Temos sido apoiados com ajudas pequenas e grandes e estimulados a continuar com depósitos lindos chegados, aqui, verbalmente e por escrito.

Ora leiam este, vindo de Palmela:

«Festa da Natividade da Mãe do Céu.

Já que não posso dar uma prenda a Ela, quero dar-lha a si, Padre Acílio, para a dar aos seus filhos e filhos d'Ela.

Li, hoje, o último número do jornal O GAIATO. Lei-o de ponta a ponta, mas o que procuro são as notícias de Setúbal.

Quero louvá-lo a si, Padre Acílio, e bem dizer ao Senhor pela coragem que lhe dá e lhe deu para tão grande aventura. A compra do terreno para a construção de casa para os rapazes. Acho que foi uma grande inspiração do Céu a que o Padre Acílio teve e a coragem de responder.

Criar os rapazes aí, ou criar os filhos nas famílias, acho que é um acto muitas vezes heróico, mas acho que o acto não é completo deitá-los depois à vida sem terem uma casa; e penso que daí, a meu ver, talvez dependa muito mal que há no mundo. As pessoas, a maior parte delas, os pobres, não têm

Focos de Luz que importa colocar sobre o alqueire

Passou um trabalhador a correr, que a hora não lhe permitia mais e deixou o sobrescrito fechado e um sorriso nos lábios: «É um pequeno donativo». Outros enviaram a cotização que fizeram em seu lugar de trabalho.

Os reformados e pensionistas não deixam o seu posto nesta «procissão» e, sempre que podem, sobem mais um degrau: «Junto um cheque, com parte dum aumento de reforma, para ser aplicado onde for mais conveniente e necessário». Mais: «Porcentagens da primeira pensão de reforma e diuturnidades». É interessante: Depois de uma vida de trabalho, em que se sentiram úteis, não querem,

passar a vida de casa e não têm dinheiro para a adquirir. No meu pensar toda a gente devia ter casa. Talvez o mundo fosse diferente.

Como não tenho estruturas económicas nem físicas para poder construir ou influenciar, de qualquer maneira, os que podem fazê-lo, quereria ser a primeira a mandar a minha pequenina pedra para a ajuda da compra do terreno...» e continua.

Outro, com um abraço que eu retribuo:

«Padre Acílio é assim mesmo. Como o meu pai me ajudou a ter casa, e eu ajudo os meus filhos, você aí ajuda os seus.

E eu tenho pena em não poder ajudar mais; desta vez é o que posso, mas se Deus quiser hei-de dar mais ajudas.»

Tenho muitos nos arquivos. Eles encheriam muitos números d'O GAIATO.

Padre Acílio

Do que nós necessitamos

agora, morrer lentamente. Continuam a dar o seu esforço para que a vida tenha sempre o sentido dos Outros até ao fim. Fala a experiência: «A minha vida está vazia demais e é urgente que lhe dê um sentido. Sinto que não estou no caminho errado se começar pelas crianças».

Quem dá por devoção ganha direito à participação no tesouro que nem a traça corrompe nem os ladrões roubam: «Conto com as vossas preciosas orações, das crianças e dos doentes para que Deus queira conceder grande Graça a uma das nossas filhas».

Não fossem os pingos de sangue, sinal de vida em doação gratuita, as dádivas seriam mortas: «Peço desculpa da insignificância. Minha mulher encontra-se quase totalmente entevada e eu tenho uma pequena reforma que nem isso ela tem. Por isso peço me perdoem por tão pouco enviar». São focos de Luz que importa colocar sobre o alqueire para que o desânimo seja vencido, o bem seja amado e anunciado.

As festas da vida, à maneira cristã, são partici-

padadas por aqueles que não recebem convites do mundo: «Cumprindo hoje 50 anos de casados enviam para O GAIATO, como modesta forma de comemoração das suas 'Bodas de Ouro' o cheque junto». Outra festa: «Esta pequena oferta é o resultado do agradecimento a Deus pelos 25 anos de matrimónio na Graça do Senhor, bem como um aumento de vencimento por promoção não esperada».

As crianças guardam a semente da generosidade

As crianças guardam a semente da generosidade. Há que cuidar dela. Aos pais, aos mestres, aos adultos é cometido este trabalho. Um testemunho: «Os alunos da segunda fase da Escola Primária de Perofinho, ao longo do ano, renunciaram, algumas vezes, a comer pastilhas elásticas, bolos, gelados, etc. Sentem muita alegria em enviar à Casa do Gaiato o produto dessas renúncias».

Padre Manuel António



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp., Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Tiragem média por edição no mês de Outubro: 73.200 exemplares.